

## **TERRITORIALIDADES, COTIDIANO E VIOLÊNCIAS: UM OLHAR DA COMUNIDADE SOBRE AS JUVENTUDES E O CASE CAXIAS DO SUL**

Franciele Becher (Voluntária), Evaldo Antonio Kuiava, Nilda Stecanela (orientadora) - [francielebecher@msn.com](mailto:francielebecher@msn.com)

O projeto “Territorialidades, cotidiano e violências: um olhar da comunidade sobre as juventudes e o CASE Caxias do Sul”, vinculado ao curso de extensão “Escola e Pesquisa: um encontro possível”, sob orientação da professora Dra. Nilda Stecanela, tem como objetivo investigar quais os processos identitários e as representações da comunidade do Bairro Reolon acerca dos jovens em regime de privação de liberdade do Centro de Atendimento Sócio educativo (CASE), que se insere em seu espaço geográfico. Foram analisados os discursos que essa comunidade constrói acerca de si mesma através da aplicação de questionários, em vistas de avaliar até que ponto há conexões entre marginalidade e processos de exclusão e de que forma constroem narrativas sobre o outro e sobre si mesmos, enquanto comunidade que convive cotidianamente com uma realidade de vulnerabilidade social e violência. Concebendo a pesquisa de opinião como um estudo exploratório vinculado ao projeto de pesquisa “Escola de Borracha: um estudo sobre os processos educativos e identitários de jovens em privação de liberdade” (EBOJUVI), acreditamos que os questionamentos feitos em torno do tema violências e juventudes, oportuniza a reflexão sobre o processo de estigmatização a que esta comunidade (e os próprios jovens infratores) são submetidos pela sociedade. Em termos teóricos, este estudo baseou-se nos pressupostos de Stuart Hall, Luiz Eduardo Soares e Nilda Stecanela. Na análise dos resultados prévios, verificou-se que a relação entre marginalidade e desigualdade social nem sempre é percebida pelos entrevistados. Quando verificada, é associada ao desemprego, falta de estudo e capacitação profissional ou apelos de consumo. A motivação que levaria um jovem a cometer um crime está vinculada principalmente ao consumo de drogas, à desestrutura familiar e à influência de amigos. O CASE é visto de forma ambígua: por um lado, seria um local de ressocialização; por outro, é associado a um local onde os adolescentes tornam-se “piores”. Nesse sentido, o processo de ressocialização aparece como dependente da “vontade de cada um”, e a participação do Estado neste processo passa a ter um papel secundário. Constatou-se ainda referências explícitas ao processo de estigmatização e discriminação ao qual o bairro é submetido pela sociedade.

Palavras-chave: território, juventudes, violências.

Apoio: UCS.